

## CAPÍTULO 8

### INCA DE ORO (CHILE), LUGAR ONDE A MEMÓRIA PIRQUINERA REVERBERA

Pamela Jorquera

#### Introdução

As reflexões aqui apresentadas fizeram parte da pesquisa doutoral de Antropologia social desenvolvida entre os anos 2013-2017. Nela morei oito meses em um pequeno povoado minerador do norte do Chile – Inca de Oro- visando compreender as dinâmicas próprias do vilarejo a partir do enfoque da Etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2008, 2011, 2012, 2015). Essa proposta cogita o estudo das multiplicidades de estilo de vida, das visões de mundo, dos códigos ético-morais e das províncias de significação e também dos projetos sociais e dos universos simbólicos que confirmam e que delineiam uma diversidade de formas sociais descontínuas (2011, p. 108). A partir dessa proposta, insere-se a discussão das multiplicidades de estilo de vida em comunidades menores, como é o caso do povoado estudado.

Nessa pesquisa, consegui refletir sobre o tempo, através das narrativas dos sujeitos, visando uma análise delas por meio do estudo da memória, conceito chave para pensar as relações entre tempo e território, reconhecendo como a memória se constrói em torno dos vestígios materiais ainda presentes no povoado, possibilitando que os valores reverberem no vilarejo, na vida social de seus habitantes.

Halbwachs (2011) entendeu o tempo como resultado de convenções e de costumes que dão conta da ordem da vida social, dizendo que a sucessão do tempo, sua velocidade e seu ritmo corresponderão a uma ordem necessária. Como resultado, a vida social implicará um consenso em relação ao tempo e a sua duração. Dessa forma, os homens adaptaram-se rapidamente às divisões do tempo selecionadas, anos e dias, conformando uma estrutura temporal que padronizou as trajetórias ou as durações. Nas palavras de Halbwachs, “a duração é a corrente que

parece passar através de cada um de nós”, existindo, desse modo, tantas durações quanto homens, cada uma com conteúdos diferentes.

Outrossim, Halbwachs (2011) elaborou a hipótese de que a memória, o tempo e o espaço são construções sociais, podendo ser analisadas somente a partir de um olhar sociológico. A principal característica da memória corresponde à forma com que o passado é lembrado, e não no que é lembrado, dando valor à participação do grupo social sobre a reconstrução das lembranças. Mediante esse olhar, Halbwachs aborda a memória como um fenômeno social, rompendo a limitação do conceito ao plano individual. Por causa disso, cada memória individual será um ponto de vista da memória coletiva, variando segundo o lugar social ocupado. Para esse autor, a lembrança será o efeito de uma série de pensamentos coletivos emaranhados, sobre os quais não se poderá atribuir, de forma separada, a existência de uma lembrança, pois elas estarão constituídas pelo conjunto desses pensamentos. Assim sendo, a reconstrução do passado far-se-á no presente e só nele serão encontrados os princípios de seleção e de descrição, não existindo um passado imutável ou independente da experiência presente. Tendo como pano de fundo essas reflexões, neste capítulo adentrei-me nos lugares e espaços vividos no povoado, lugares que instigam a memória de seus habitantes e que permitirão ao leitor imaginar-se ali.

Como assinalou-se, tanto tempo quanto espaço correspondem a construções sociais (Ortiz, 1996), constituindo o estudo do local. O local será entendido como o resultado de uma série de operações de localização, de uma construção contínua e concentrada de universos práticos e simbólicos. Nas palavras de Michel Agier (Vidal, 2003, consulta 2014), o local será “tal como as pessoas vivem na vida cotidiana”. Dessa forma, Inca de Oro corresponde a um espaço-temporal dado em uma sequência de tempo e de espaço.

Nesse contexto, fazer parte do local significará integrar-se, paulatinamente, a uma rede de tênue interconhecimento, na qual os indivíduos que dela façam parte compartilharão um conhecimento baseado na intuição (Bozon, 1984). Cada um apoiar-se-á nessa intuição para debruçar-se sobre os grupos e as outras pessoas, criando um senso comum, permitindo a seus membros pertencer à localidade. Esse interconhecimento intuitivo será baseado na partilha de valores comuns com os

quais os habitantes do local poderão agir dentro de sua estrutura social. Assim, pensar em Inca de Oro a partir do descrito, significou reconhecer a existência de valores comuns compartilhados entre os habitantes do povoado, valores que orientarão suas práticas, suas falas dentro dos limites socialmente construídos e aceitos.

No entanto, os movimentos de pensamento da imaginação construirão também um conhecimento que fará parte da inteligência humana. Esses pensamentos estarão encerrados na memória, e as lembranças deles darão forma à duração. Dessa maneira, a “etnografia da duração” propõe a concepção de um tempo que se passa em diferentes velocidades, tanto percebidos quanto observados, tanto em processos internos quanto externos.

Assim, na memória dos sujeitos, o passado sobrepor-se-á ao presente, formando uma métrica, um ritmo que possibilitará a seriação e as lembranças dos acontecimentos vivenciados segundo uma ordem baseada em intervalos de tempo-espço. A memória, para essas autoras, será produto de uma seleção feita no tempo, obra de uma intenção, derivando em um resultado de seleções hierárquicas de instantes, feitas com base no tempo subjetivo e no tempo no mundo.

O conhecimento proveniente dos pensamentos da imaginação será construído na vida cotidiana e constituirá a duração. O conceito de duração provém da teoria de Bachelard, em sua dialética da duração (apud Eckert e Rocha 2011, p. 8). Por isso, a etnografia da duração considerará os ritmos temporais nas experiências individuais e coletivas. Nesse sentido, para dar conta das seleções realizadas na hora de lembrar, as autoras fazem uma análise narrativa da cotidianidade dos sujeitos, destacando os acontecimentos importantes nas suas narrações, os dramas na vida cotidiana urbana.

## **O contexto**

O Chile é conhecido mundialmente pela atividade mineradora que desenvolve em seu território. Economicamente falando, a mineração corresponde à quase metade das atividades ali produzidas. Na tabela 1, observam-se os principais minerais explorados, sendo o mais importante o cobre.

Tabela 1: - Produção e reservas no Chile 2019

Mineral	Produção Chile	Participação na produção mundial	Ranking na produção mundial	Participação em reservas mundiais
Cobre	5,79 millones de TM	29%	1	23%
Ouro	37,85 TM	1,1%	14	7%
Prata	1.190 TM	4,4%	7	4,6%
Molibdênio	54,76 mil TM	18,9%	2	7,8%

TM: toneladas métricas.

Fonte: Minería en cifras (Consejo Minero, 2020, 4)

Esse sucesso minerador e sua consequência positiva para o desenvolvimento do país tem profundas raízes históricas, sobretudo no que tange ao território norte, onde existem grandes quantidades de minerais que têm atraído as sociedades desde os tempos pré-colombianos (Salazar, 2003-2004; Salazar e Vílches, 2014, Romero, 2011).

Nesse sentido, conhecer a história da mineração não diz respeito, somente, à história de um processo econômico e tecnológico, mas também à história de uma cultura, de uma maneira de ser no mundo e de suas transformações (Salazar, 2003-2004). Depois da conquista do Império Inca por parte dos espanhóis, os colonizadores continuaram explorando as minas trabalhadas pelos Incas, porém desenvolveram a indústria ainda mais. Introduziram mudanças na produção, implantaram lavadouros de ouro e estabeleceram novas populações para trabalhar de forma obrigatória.

Na parte norte do Chile localiza-se o chamado *Norte Chico* ou Norte Pequeno. Esse território caracteriza-se pela escassez do recurso hídrico, visto que tem o Deserto de *Atacama*. A presença desse importante bioma fez com que a mineração não tivesse muita ascendência econômica, e a zona ficou conhecida principalmente por ser a fronteira setentrional do chamado reino do Chile. O território possui uma grande quantidade de recursos minerais, desenvolvendo formas próprias de habitar vinculadas ao florescimento da atividade mineradora.

No *Norte Chico*, situa-se a cidade de *Copiapó*, fundada em 1744, com o nome de *San Francisco de la Selva de Copiapó*. As outras cidades da região, nomeadas de *Huasco* e *Vallenar*, foram fundadas em 1755 e 1789. A exploração do ouro converteu *Copiapó* e *Vallenar* em eixos

econômicos da região. Assim, foi crescendo o número de pessoas interessadas em investir nessa atividade e, mesmo sendo uma empresa arriscada, muitos mineradores especializaram-se na busca de veios ricos em minérios. Dessa forma, a região de *Atacama* caracterizou-se por passagens de ciclos de ascensão e queda, tanto da atividade econômica quanto da população. Nesse contexto, seus habitantes deslocavam-se pelo território seguindo os ciclos laborais, mas a mineração sempre se manteve como atividade central.

Nesse período, a exploração dos territórios do *Norte Chico* era feita, principalmente, por empresas individuais, nas quais uma família ou uma pessoa sozinha dava conta de uma jazida, na maioria das vezes, tendo a sorte por parceira. Deste modo, quando um veio, era descoberto e a notícia se difundia, muitos homens confluíam para as redondezas para explorá-lo e, com eles, chegavam investidores, banqueiros, comerciantes e muita diversão. Com isso, criavam-se pequenos assentamentos que ofereciam álcool, jogos de apostas, festas e mulheres aos mineradores. Muitos desses assentamentos, denominados de *Chinganas*, duravam o tempo das explorações, e as pessoas, sem trabalho, partiam atrás de novos sítios de exploração. Nesses territórios, desenvolveu-se uma forma de exploração mineradora que percorreu caminhos diferentes daquela explorada ao abrigo de uma empresa: a *Pirquinería*.

Na *Pirquinería*, as pessoas perambulavam pelo território, neste caso, o deserto, à procura de jazidas ou pontos onde explorar minérios preciosos e, com o passar do tempo, perdiam o sentido de pertença a um lugar único, adotando o deserto como lar, vivendo em liberdade, sem se submeter a ninguém (Arredondo, 2014). Esse minerador, o *pirquintero*, fazia parte de outra forma de compreender o trabalho na mineração, muito distante da figura do obreiro, presente em outras explorações mineradoras. Em torno da liberdade própria do *pirquintero*, construiu-se uma figura de homem forte, aguerrido, sem Deus nem lei, sem chefes, sem ataduras, mas também a de uma pessoa aventureira, proveniente de outros lugares do país à procura da riqueza, do sonho da fortuna, pessoa sem família e muito solitária.

Atualmente, esse tipo de mineração continua se desenvolvendo e é denominado de pequena mineração ou de mineração tradicional,

mesmo que sua importância tenha diminuído frente às novas condições econômicas das explorações da Grande Mineração do cobre (Lagos et al, s/d). Nesse contexto, o pequeno povoado de *Inca de Oro*, localizado no *Norte Chico*, apresenta-se como herdeiro dos costumes e da cultura mineradora dessa região do país.

### **Inca de Oro, um pouco de história**

Administrativamente, *Inca de Oro*, pertence à prefeitura de *Diego de Almagro*. Está situado a 110 quilômetros da cidade e capital regional, *Copiapó*, e a 40 quilômetros da cidade *Diego de Almagro*. Falar sobre ele é falar de mineração e, principalmente, do desenvolvimento da mineração tradicional, a *pirquineria*. De fato, *Inca de Oro* reconhece, nessa atividade, sua principal característica e vocação, conforme consta no muro (Fotografia 1), que saúda os transeuntes da estrada. Essa mesma estrada conecta às cidades principais, *Diego de Almagro* e *Copiapó*.



1. Cartaz *Bem-vinda a Inca de Oro*. Fotografia de Pamela Jorquera.  
Fonte: Acervo da autora, 2016.

Graças aos investigadores da zona e, às vezes, às informações escutadas no próprio povoado<sup>119</sup> (Escalante e Ferreiro, 2001; Pizarro, 2009), sabe-se que as primeiras alusões ao vilarejo datam de 1845, quando as jazidas de ouro, próximas ao atual povoado, como *El Inca* e *La Isla*, foram incluídas em um relatório do Ministério do Interior.

Em 1888, o engenheiro Francisco San Román afirmou que nessas jazidas existia um sistema interminável de veios, mas de difícil extração pela falta da água. Contudo, apesar das dificuldades ambientais, em 1904 a ferrovia uniu o porto de *Chañaral* ao mineral de *El Inca* (esse evento é usado como data de nascimento do povoado). Após nove anos, a jazida de *El Inca* uniu-se a *Pueblo Hundido* (atual cidade de *Diego de Almagro*), também por ferrovia.

No processo de povoamento do vilarejo foi central a presença do trem. Assim, o estabelecimento da ferrovia exigiu que os povoados e a indústria se adaptassem às suas demandas. Nesse sentido, a indústria precisava de grande quantidade de água para funcionar, por isso privilegiavam-se os assentamentos que contivessem esse vital elemento em suas proximidades. O lugar, que depois ficou conhecido como *Inca de Oro*, tinha, nos seus arredores, grande quantidade de sítios com água potável, e poços, entre os quais *Finca de Chañaral*, *El Pingo* e *Chañarquito*. Assim, em *El Inca* construiu-se um reservatório de água, feito de ferro, *cuba*. Esse foi o primeiro nome com que se conheceu o povoado, Estação de *Cuba*.

A partir dos anos 1920, começaram a chegar multidões para tentar a sorte nas minas e, com elas, os primeiros serviços públicos. Na década de 1930, a população sofreu grande aumento, vinda de diferentes lugares – não só mineradores, mas também aventureiros e mulheres. Muitos estrangeiros — iugoslavos, chineses e espanhóis — foram atraídos pela bonança do ouro, os quais migraram de outras cidades do Chile e se estabeleceram no vilarejo à procura de sucesso.

Com o estabelecimento da Caixa de Empréstimo Minerador (CRACREMI), inicia-se a chamada era de ouro do povoado, junto

---

119 Juan Dario Escalante Rojas: nasceu na cidade de Potrerillos e viveu sua infância em Inca de Oro. Formou-se professor de Química y Ciências Naturais. Trabalhou por 42 anos na escola “Mercedes Fritis Mackenney”, de Copiapó. ([Http://www.chanarcillo.cl/articulos\\_ver.php?id=77773](http://www.chanarcillo.cl/articulos_ver.php?id=77773)) Guido Pizarro Rojas: formou-se jornalista e professor de História e Geografia. Trabalha no Liceu José Antonio Carvajal, de Copiapó. ([Http://www.diarioatacama.cl/prontus4\\_notas/site/artic/20091209/pags/20091209034518.html](http://www.diarioatacama.cl/prontus4_notas/site/artic/20091209/pags/20091209034518.html))

com a construção das primeiras ruas: Avenida *Manuel Antonio Matta* e Avenida *Francisco San Roman*. Inclusive, existia uma separação socio-territorial: atrás da estação ferroviária, na periferia, morava a população de baixa renda, enquanto a população de alta renda - os ricos, grandes mineradores, funcionários públicos e comerciantes-, moravam no centro do povoado.

Durante a década de 1930, no auge minerador de *Inca de Oro*, a população de Inca superava 10.000 pessoas. Além disso, existia todo tipo de serviços: hospital, correios e telégrafos, bombeiros e escolas privadas que, com o tempo, passaram a ser estatais. Também foram construídos hotéis, bancos, locais para a imprensa, serviços privados de saúde. Em 1934, instalou-se um gerador de eletricidade particular, em substituição às lâmpadas de carbureto. Já em 1939, o nome do povoado foi mudado de *El Inca* para *Inca de Oro* dada a proximidade deste ao caminho do inca, ou *Qhapaq Ñan*. A atividade mineradora era muito intensa nesses anos e, ao final de 1940, foi criada a associação de mineradores.

De acordo com alguns pesquisadores, Inca de Oro correspondia, de modo semelhante aos vilarejos próximos, a um centro de vício, de jogo, de álcool e de muitas mulheres:

“Inca de oro era un centro de vicio, de juego, de trago y de mujeres. Había un cahuín casa por medio. Los cabarets más famosos fueron El Chanteclair, La picá la cebolla, La bolita de vidrio, La estrella, Doña Guille, Doña Uva, La turca, La chela, Doña Ronquinque, La Miguelina, La guatona Hilda” (Escalante e Ferreiro, 2001, p. 21)

Dessa forma, os mineradores que trabalhavam semanas completas na mina gastavam o dinheiro conseguido nas casas de mulheres. Inclusive, fala-se que muitos deles compravam roupas novas, roupas sociais e tênis de futebol, mas carregavam suas roupas de minerador para que, quando o dinheiro acabasse, pudessem voltar ao trabalho nas minas. Segundo Paul Treutler (1958), alemão que percorreu o território durante o século XIX, ao chegar aos povoados, os mineradores compravam roupas novas, deixando as velhas jogadas nas ruas, e se dirigiam às *chinguanas*, onde gastavam seu dinheiro em jogos, com bebidas e prostitutas.

Naquele tempo era norma que os mineradores despendessem todos os lucros. Não raro, não só perdiam tudo em jogos de azar como também as roupas novas como forma de pagamento das apostas. Quando isso acontecia, voltavam às ruas, à procura das roupas velhas espalhadas pelo chão, escolhiam as melhores para se vestirem e retornar às minas.

O povoado também possuía um teatro de dois andares, que era seu orgulho. No primeiro andar, vendiam tortas, roupas, discos e havia uma sala de cinema que, no princípio, exibia filmes mudos. No segundo andar havia um grande salão de dança. Infelizmente, no ano 1936 houve um incêndio. No lugar do antigo, foi construído outro teatro, mas muito distante da grandiosidade do anterior.

Nos anos 50, as oscilações internacionais dos preços dos metais começaram a ser sentidas. O auge minerador presente no povoado decaiu e, aos poucos, começou o êxodo dos incanos à procura de lugares mais amigáveis (Pizarro, 2009, p. 30). A decadência do povoado refletiu-se no fechamento da estação do trem, transporte que havia sido fundamental na criação do povoado e que, em tempos de bonança, albergou, em suas dependências os chefes da estação, os funcionários, os trabalhadores e o maravilhoso tambor de água que tinha dado o primeiro nome ao povoado. Em seus áureos tempos, a chegada da ferrovia constituiu-se em um evento social, concentrando grande movimentação de trens, tanto de carga quanto de passageiros e correspondência. Com a decadência do produto, provocada pela baixa dos preços após os anos 1950, os trens do Norte foram desaparecendo até se extinguirem completamente. Isso também aconteceu com a estação de Inca de Oro. Com o passar do tempo, todas as instalações foram desmanteladas, tanto por ordem da empresa quanto pelos próprios incanos que aproveitaram para usar os materiais em suas construções, e até o reservatório de água foi roubado.

O vilarejo sofreu importante diminuição em sua população: em dez anos (1992-2002), registrou uma redução de 681 para 355 moradores. Segundo um censo realizado pelos funcionários da prefeitura, no vilarejo, as pessoas morando em IDO seriam 334, porém esse registro foi revisado com os interlocutores, dando, finalmente, o número de 337 pessoas em 2016.

Em termos de gênero, moram na comunidade, principalmente, homens, mas os estudos feitos na zona evidenciam que as mulheres são as que permanecem no povoado, enquanto os homens se movimentam continuamente por motivos laborais se deslocando para outros municípios. De fato, no povoado, percebe-se uma mobilidade muito grande da população, em função das fontes de trabalho. Outra característica própria do lugar é a concentração de habitantes idosos devido à migração das faixas etárias mais jovens. Destaco que a população de idosos aposentados continua trabalhando de modo autônomo, alguns na função de zeladores, jardineiros ou cozinheiras, outros como *pirquineros*, isso porque o benefício das pensões é muito baixo e não lhes dá o suficiente para se sustentarem.



2. *Atuais linhas do trem.* Fotografia de Pamela Jorquera.  
Fonte: Acervo da autora, 2014.

## A memória reverbera em Inca de Oro

Os *incanos* possuem um conhecimento profundo e específico do território que habitam. Esse conhecimento minucioso do território tem se corporificado neles; no decorrer dos anos, através das atividades desenvolvidas, por meio dos valores comuns, junto às pessoas com quem têm compartilhado uma vida. A atividade *pirquinera* se baseia nesse conhecimento corporificado; só quem conhece o lugar, quem tem perambulado por ele, quem aprendeu a lê-lo, consegue reconhecer os veios, segui-los, imaginar como eles atravessam a terra e planejar a forma de chegar até eles.

Como mencionei, Inca de Oro nasceu no começo do século XX, produto do desenvolvimento da indústria mineradora da zona e das movimentações das populações envolvidas. De fato, sua origem deveu-se à presença de reservatórios de águas naturais criados pelo homem, os quais permitiram o estabelecimento da linha ferroviária. Naquela época, foi nomeada Cuba pela instalação de um reservatório de água ao lado da estação. Assim como a água atraiu o trem e as indústrias, estas atraíram a população.

Viajando de *Copiapó*- capital da terceira região do Chile- pela estrada C-17 que a une com *Paipote*, *Inca de Oro* e *Diego de Almagro*, chega-se ao povoado. Antigamente, a estrada C-17 correspondia à Pan-americana Norte, mas foi desviada para mais perto da costa com o encerramento das linhas ferroviárias do Norte. Após percorrer 110 quilômetros de asfalto, ladeado por tons beges e similares, e tendo o céu azul do céu e algumas nuvens solitárias no espaço, o vilarejo aparece como um *oásis* bem distante da aridez das montanhas, do calor abrasador do sol, das tempestades de terra e pó.



Figura 1. Mapa Inca de Oro  
Fonte: [www.googleearth.com](http://www.googleearth.com)

Lentamente, *Inca de Oro* vai se abrindo, mas não de forma fácil. O povoado precisa de tempo para se mostrar, para ganhar a confiança, para saber se poderá se expor sem medo do julgamento, na espera do tempo suficiente para dar a conhecer sua intimidade, seus segredos. Para começar a desvelar sua história e suas histórias, as histórias dos seus habitantes, *Inca de Oro* exige longas caminhadas sob o sol, inúmeras idas e voltas pelas ruas.

Nos primeiros dias em *Inca de Oro*, em 2014, aproveitei para realizar muitas caminhadas, sensibilizar-me com a ambiência e rever pessoas. Nessas múltiplas caminhadas, comecei a entender, a tomar ciência das rotinas, dos estilos de vida de seus habitantes. Nos primeiros dias, meus únicos parceiros foram o sol, minha garrafa de água, minha boina e meu caderno de anotações, e com eles atravessei o povoado mais de uma vez a fim de ter uma ideia espacial do mesmo e identificar lugares significativos, lugares de interação ou de socialização dos *incanos*. Durante esses deslocamentos, surpreendeu-me a tranquilidade das ruas, só interrompida pelo rodar de redemoinhos que provocam fortes levantamentos de terra, fazendo com que os *incanos* fechem as janelas, as portas, ou prendam melhor a roupa pendurada. A falta de asfalto nas ruas deixa a terra circulando ao sabor do vento, sendo difícil manter a limpeza das casas; nelas sempre se pode ver pó, mesmo que a faxina seja feita todos os dias. Nas ruas de *Inca de Oro* não existe nenhum tipo de sinal de trânsito, somente nas entradas do povoado existem lombadas para obrigar os motoristas a baixarem a velocidade quando ingressam na zona habitada.

Durante os primeiros dias em campo, só cumprimentei as pessoas que encontrava na rua, na tentativa de que elas comesçassem a me identificar e se lembrarem de mim com o tempo. As fotos tiradas de espaços, lugares, paisagens, expressam esses primeiros dias, em que me centrei em ter uma ideia do espaço físico no qual me encontrava.

As duras condições ambientais não foram despercebidas por uma pessoa que nunca viveu nelas. Assim, o sol passou a ser meu parceiro nessa viagem, um colega fiel, mas não muito ameno, nessa experiência. Em consequência, essas incursões pelo povoado provocaram-me uma alergia ao sol, manifestada logo nos primeiros dias de minha chegada. Começou com uma coceira no peito que me levou ao consultório médico, que me

indicou uma injeção calmante. Eu deveria tomar cuidado, e minha pele não estava habituada a tomar muito sol. A partir desse momento, não me separei da minha boina, de um lenço com qual cobria o pescoço e da minha garrafa de água. Através do uso desses objetos, passei a ser identificada, dado que era a única pessoa que andava pelas ruas com eles (e mais uma caderneta).

Graças a esses primeiros dias de caminhadas, consegui fazer um mapa, saber os nomes das ruas, as localizações de lugares do povoado. Isso ajudou-me nas falas posteriores com os interlocutores, quando faziam referência à *Inca de Oro* do passado. Assim, consegui acompanhar as diferentes falas, imaginar o espaço à medida que ouvia meus interlocutores ou perguntar-lhes com mais convicção quando queria obter maior informação sobre algo.



Figura 2. Principais ruas de Inca de Oro.  
Fonte: Elaborado pela autora.

*Inca de Oro* possui duas ruas principais que ajudam o caminhante a localizar-se no espaço: a Avenida *Diego de Almeyda*, que vai de Norte a Sul, e a Avenida *Manuel Antonio Matta*, que vai de Oeste a Leste. Ao invés de outras ruas que se perderam pela ação do tempo e do esquecimento, *Diego de Almeyda* e *Manuel Antonio Matta* constituem um eixo que oferece certa segurança no meio desértico.

*Diego de Almeyda* pode ser considerada a rua principal, pois se junta com a estrada C-17, conectando o povoado com a capital regional, *Copiapó*, pelo Sul, e com a prefeitura da que faz parte, *Diego de Almagro*, pelo Norte. Assim, essa rua é constantemente utilizada por carros, caminhões, ônibus, que falam de um mundo acontecendo fora dali e ao qual *Inca de Oro* continua ligada. Inclusive existe uma esplanada de estacionamento para os carros, situação que fala da movimentação da *Diego de Almeyda*.



Figura 3. Principais ruas de Inca de Oro.  
Fonte: geo.virtual2.cl

*Diego de Almeyda* corre em paralelo aos restos da linha ferroviária, que fica a Leste. Os trilhos localizam-se perto da antiga estação e continuam seu caminho na direção Norte, ao lado da estrada C-17, mas adentrando cada vez mais a Leste, em direção ao deserto.

Nessa rua encontram-se os principais negócios do povoado: mercearias, venda de álcool, cigarros, tudo o que um viajante possa precisar. Nela também estão os armazéns e mais uma padaria, único lugar no qual se pode comprar pão. Também há dois restaurantes, *Zita* e *Mi Pueblo*, além de dois *trailers* com comida, nos quais há todo tipo de

lanches. Um deles situa-se na entrada Norte do povoado, na rua *Diego de Almagro*, e o outro, junto à velha estação do trem.

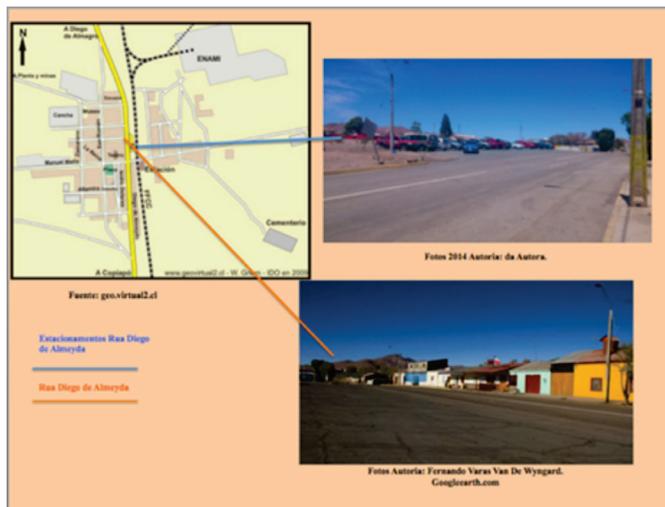


Figura 4. *Rua Diego de Almeyda*.  
Montagem elaborada pela autora.

A avenida *Manuel Antonio Matta* atravessa *Inca de Oro* de Oeste a Leste, interceptando *Diego de Almeyda* ao lado da estação ferroviária. Quando caminhei por ela, senti que *Inca de Oro* se conecta com sua história através dessa rua, pois observei uma mistura de casas abandonadas, lugares de grande significação para os *incanos* e as vivendas dos atuais habitantes. Nessa rua veem-se lugares históricos, como o teatro, prédios que lembram as antigas lojas já desaparecidas e o antigo posto de gasolina. Lugares que, atualmente, têm sido ocupados com outras finalidades, porém ainda estão presentes nas memórias dos *incanos* em suas formas anteriores, como se estivéssemos no passado, sendo, com frequência, trazidos ao presente nas falas dos interlocutores.

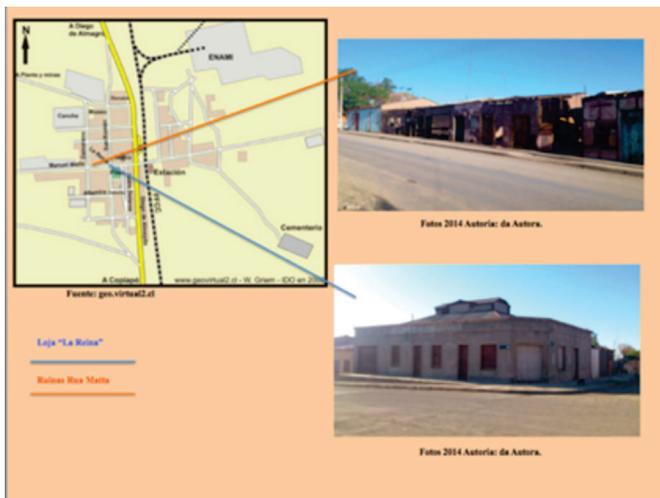


Figura 5. *Casas em ruínas na Rua Manuel Antonio Matta.*  
Montagem elaborada pela autora.



Figura 6. *Lugares significativos Rua Manuel Antonio Matta.*  
Montagem elaborada pela autora.

Tanto a rua *Diego de Almeyda* quanto a *Manuel Antonio Matta*, atravessadas por outras ruas maiores ou menores, guardam diferentes vestígios da identidade do povoado — o museu, a escola, o campo de futebol. Junto à estação do trem, convertem-se no eixo que une os dois principais bairros do povoado: o bairro Baixo, localizado a Oeste, e o bairro Alto, o Chinês, ao Leste, logo atrás da antiga estação de trem.

O bairro Alto é formado por ruas que ainda mantêm sua forma e limites com clareza e contém importantes instituições do povoado. Assim, na rua *Francisco San Ramón*, localizam-se as sedes das organizações sociais de *Inca de Oro*: os clubes de idosos, a junta de vizinhança, os bombeiros, a delegacia da prefeitura, a polícia, as igrejas. E, na pequena rua *Isidro Dolarea*, vê-se a Associação Mineradora. Na intersecção entre esta pequena rua e a *Manuel Antonio Matta* está a praça, importante lugar de encontros no povoado.

O bairro Baixo, situado logo após a antiga estação de trem, é menor que o Alto. Tem poucas ruas e muitas delas perderam a clareza de seus limites. Também há casas antigas, e os prédios abandonados são maiores. Após a estação, vem a rua *Zoilo Rojas*; *Juan Godoy* e *Cuba* são as últimas. Para o Sul, as ruas *Cuba* e *Zoilo Rojas* finalizam o povoado por esse lado, havendo ali somente um sítio vazio, o deserto. A uma boa distância, seguindo na direção Sul, veem-se ruínas de antigos currais de porcos, construídos em pedra. Na frente deles, e na direção Leste-Sul, está localizado o cemitério de *Inca de Oro*. Para o Norte, na direção Leste, também estão as instalações da ENAMI<sup>120</sup>, as casas dos seus guardiões, assim como o lugar em que os mineradores trabalham seus materiais. Esta usina de tratamento pertence à ENAMI, mas é administrada pela Associação Mineradora.

Somente após longas caminhadas feitas em diferentes horários e durante vários dias, *Inca de Oro* ensinou-me suas rotinas. De manhã, as ruas do povoado acham-se vazias; a maior parte dos *incanos* encontra-se em suas casas, trabalhando, cozinhando, limpando. Algumas mulheres passam a vassoura nas entradas das suas casas; o cuidador da praça varre e rega as plantas e as árvores, enquanto o responsável por limpar as ruas percorre *Inca de Oro* com suas vassouras, pás, lixeira e seus três

---

120 Empresa Nacional de Minería

cachorros atrás dele. O sol, que saiu às 7h da manhã, bate forte nas cabeças e nos corpos das pessoas que estão na rua. Pode-se observar esse movimento até, aproximadamente, às 12h, quando os *incanos* deixam as ruas e vão almoçar, seja em suas próprias casas, seja nos restaurantes. Só voltarão às ruas por volta das 16h30min ou às 17h da tarde, quando o sol diminui sua intensidade.

À tarde, os *incanos* regressam às ruas. Aproveitam para fazer trâmites, comprar pão, comprar algo para acompanhar o café da tarde. Alguns saem para falar com os amigos, mas também para fugir do calor que sentem em casa. Assim, muitos ficam sentados na praça ou em ambientes que oferecem sombra. Além da praça, lugar para fugir do sol, há os bancos posicionadas na parte externa do restaurante *Mi Pueblo*, localizado na rua *Diego de Almeyda*. Nesse local, os *incanos* sentam-se para conversar e afugentar o calor, beber um refrigerante e, principalmente, ver quem aparece pela rua, quem estaciona seu carro, à procura de alguma novidade para comentar.

Por volta das 18h30min, os trabalhadores, acomodados nas diferentes casas de hospedagem, começam a retornar de um dia laboral. Visitam o comércio para comprar refrigerantes ou cigarros, também para brincar nas máquinas de jogos que alguns dos estabelecimentos disponibilizam. Próximo das 20h, as pessoas voltam para suas casas. Nesse horário faz um pouco de frio devido ao vento, e as ruas começam a ficar escuras, iluminadas somente pela lua e pelas estrelas que surgem no céu.

Assim, vagarosamente, *Inca de Oro* começou a mostrar-me suas rotinas. Soube que, nas intersecções formadas pelas principais ruas, havia espaços de encontros, de socialização entre os *incanos* que, em determinados horários do dia, tentavam fugir do sol e do clima, ou procuravam passar um bom momento conversando com outros vizinhos. Esses espaços eram também espaços vividos, lugares (Certeau, 2000) em que se identificavam interações que mostravam costumes bem marcados dentro do povoado, um deles conhecido como a *esquina de los aburridos*/esquina dos entediados. Com o passar dos dias, fui me integrando às experiências diárias e comecei a conhecer os interlocutores que me acompanhariam nessa viagem etnográfica.

Nas ocasiões em que fiquei sentada na *esquina de los aburridos*/esquina dos entediados, os interlocutores falaram-me sobre como era

o vilarejo antigamente, marcando a diferença com a atualidade. Sentados nessa esquina, olhavam para a avenida *Antonio Matta* e vinha-lhes à mente a grande quantidade de bares, lugares para jogar, beber e dançar que se localizavam ao longo da rua. Também as mulheres que entrevistei, e que trabalhavam nesses locais, algumas só como garçonetes, outras como prostitutas<sup>121</sup>; comentaram de como “essas ruas ferviam”: pessoas caminhando, comprando, vendendo, sobretudo quando os mineradores desciam das minas e gastavam o dinheiro ganho depois de semanas de árduo trabalho. Escutar as conversas é ouvir uns complementando a fala do outro Acrescentam os detalhes sobre os eventos e lugares que se destacam em suas lembranças. Assim, apareciam prédios extintas, como o hospital, ao lado da esquina onde se reuniam, a loja que existia justo nessa esquina ou o salão de bilhar na esquina da frente, onde podiam jogar e beber.

Nessa esquina também os escutei falar sobre a mineração realizada no povoado, a *pirquinería* e, por certo, sobre as diferenças relacionadas à atual forma de exploração mineradora. Uma dessas diferenças diz respeito às condições de trabalho, caracterizada pela desorganização e bagunça dos lugares de exploração. Por exemplo, na *mina vieja* mina velha, trabalhavam muitos mineradores e sempre ocorriam brigas. Os policiais estavam acostumados com essas brigas e, quando essas começavam, solicitavam às pessoas que os deixassem descansar um pouco. Em algumas dessas brigas, usavam armas brancas, e algumas pessoas foram mortas. Quando isso acontecia, os corpos eram jogados em lugares afastados, fora da cidade, e ninguém sabia mais deles.

Assim sendo, salientavam que o minerador era bebedor e esbanjador. O dinheiro ganho era gasto com rapidez. Mais naquela época, em que o povoado tinha muitos bares, locais para se entreter e, como já havia afirmado, muitas prostitutas; “*habían tantas chiquillas*/havia muitas moças”. Assim, muitos lembravam como bebiam muito e como gostavam de dançar, gastando tudo nos locais de entretenimento.

As ruas de *Inca de Oro* falam de um passado longínquo; as casas abandonadas, os quarteirões completos, deixados ao agir do sol, do deserto, do tempo, lembram a época do auge do povoado. A esse passado pode-se ter acesso através do imaginário dos *incanos*, que o rememoram

---

121 Os interlocutores, ao falarem comigo, não usaram o termo prostituta, mas apenas mulheres ou “aquelas mulheres que falam de tudo”.

e o constroem no tempo presente. Mostram, como salienta Halbwachs, que o tempo e o espaço correspondem a construções sociais e são parte da memória coletiva do povoado (2011).

Assim, a memória corresponde a um fenômeno social que se constrói nas lembranças dos incanos. Essa reconstrução faz-se no momento presente, achando só nele os princípios de seleção e descrição. Através das inúmeras conversas que mantive com as pessoas na rua, constatei que não existe passado imutável ou independente da experiência presente. Muitas vezes, quando me protegia do sol embaixo das árvores folhosas da praça, as pessoas me contavam como era o povoado antes, e que na rua *Manuel Antonio Matta* havia muitos bares, lugares onde se podia beber e dançar e também conhecer mulheres. As ruínas nessa avenida são de bordeis, onde os *pirquineros* gastavam os lucros do trabalho de semanas.

Os incanos, de forma fluida, quase sem necessidade de perguntas, lembram-se do passado e, ao percorrê-lo, recriam em suas mentes aqueles anos; recriam as imagens, as pessoas, os sons. Muitas vezes, contaram-me que, perto da praça, havia um posto de gasolina. O posto localizava-se na rua *Isidro Dolarea*, antes de chegar na Avenida *Manuel Antonio Matta*, mas sofreu um incêndio e foi reaberto na mesma avenida, mas em frente ao Armazém Minerador, propriedade dos chineses. Atualmente, nessa loja está uma casa de acomodações onde os trabalhadores das empresas próximas pernoitam. O segundo posto de gasolina também sofreu um incêndio, e, daquela vez, os *incanos* tiveram que fugir para os morros próximos, porque pensaram que tudo explodiria por causa da quantidade de benzina. No entanto, isso não aconteceu, pois não havia benzina.

Uma de minhas interlocutoras, Dona Clara, trouxe o imaginário desse passado ao presente da seguinte forma;

*Habian más chinos, también, donde estaba la plaza, habían más chinos, pero eso se quemó, después los chinos se pusieron allá donde tiene el local del Lalol, que tiene las máquinas, ahí era después el almacén minero. / Havia mais chineses, também, onde estava a praça havia mais chineses, mas isso se incendiou, depois os chineses colocaram-se lá onde há o negócio/o comércio do Lalo, que tem as máquinas; aí era, depois, o armazém minerador. (Don Clara)*

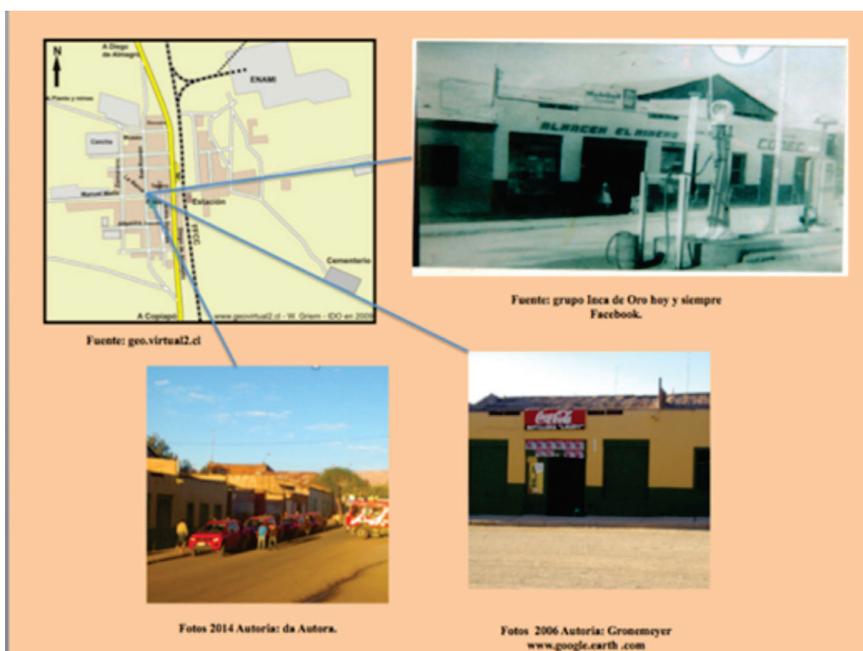


Figura 7. Reutilização de lugares: Almacén El Minero/ Boticlería Laudy/ Casa de acomodações do Lalo.  
Montagem elaborada pela autora.

## Considerações finais

Neste capítulo, apresentei como a memória reverbera nas falas dos incanos, puxada pelos vestígios materiais ainda presentes no vilarejo e que lhes permite a duração não só do povoado, da atividade *pirquinera*, também deles mesmos por meio das lembranças.

As falas com os diferentes interlocutores durante a pesquisa permitem dar conta da cotidianidade vivida nas ruas de *Inca de Oro*. Nelas as pessoas dividem o tempo, conversam; na terminologia de Georg Simmel, eles jogam o social. Assim, a memória do povoado reverbera.

As ruas do povoado, principalmente *Diego de Almeyda* e *Antonio Matta*, configuram lugares de sociabilidade nos quais os interlocutores experimentam a memória e vivenciam o povoado, conformando lugares nos quais a reminiscência ressoada mostra a partilha de experiências so-

cioculturais sobre as quais negociaram seus projetos de vida particulares (Velho, 2013). A memória contida nessas ruas não só mostra a importância do que é lembrado, mas também a forma com que é lembrada (Halbwachs, 2011). Os interlocutores vivenciam um sentimento de simultaneidade de experiências comuns.

A memória construída e compartilhada revela um passado que se sobrepõe ao presente, não sendo independente dessa experiência atual que o instiga a surgir. Nesse sentido, “poderíamos dizer que “passado”, “presente” e “futuro” constituem, embora se trate de três palavras diferentes, um único e mesmo conceito; porém, só na experiência humana existem como linhas demarcatórias” (Elias, 1998, p. 62). Somente no presente os interlocutores selecionam os eventos que trarão à tona. Por trás dessas seleções houve uma intenção, um propósito, ou seja, elegem aquelas lembranças de forma hierárquica (Eckert e Rocha, 2011).

A maior parte de meus interlocutores compartilha uma vida difícil e, desde a infância, eles tiveram de se relacionar com o mundo do trabalho. Dentro ou fora do núcleo familiar, o trabalho foi o eixo das suas vidas. A atividade *pirquinera*, como escolha, levou-os a enfrentar riscos e vícios que, muitas vezes, produziram a desordem e a solidão, porém também lhes deu a oportunidade de experimentar a liberdade. De acordo com as falas dos interlocutores desta pesquisa, o trabalho de *pirquinero* seduz pela liberdade que traz consigo — liberdade para tomar decisões, trabalhando sem horário, sem chefes, sem hierarquia.

Desta maneira, o capítulo discorreu sobre acontecimentos lembrados, destacando os valores próprios do vilarejo; o valor da honra, da atividade *pirquinera*, o valor do esforço e a coragem que lhes demandou a atividade, sendo a valorização do trabalho o que os caracteriza.

A intenção da memória revelada neste documento está dada pela duração tanto do povoado, quanto dos interlocutores. Para eles durarem no tempo, precisam que a memória do povoado seja lembrada e que a atividade seja conhecida pelas novas gerações. Assim, a *pirquineria* deve ultrapassar a Inca de Oro.

## Referências

- ARREDONDO, R. *La trashumancia en la minería del Norte Chico*. Departamento de Cultura y Turismo, Ilustre Municipalidad de Diego de Almagro, 2014.
- BOZON, M. *Vie quotidienne et rapports sociaux dans une petite ville de province. La mise en scène des différences*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1984.
- CERTEAU, Michel de. *La invención de lo cotidiano I*. México: ITESO. 2000.
- COCHILCO. Comisión Chilena del Cobre. Disponível em [www.cochilco.cl](http://www.cochilco.cl). Consulta 7 julho 2015.
- ECKERT, C E ROCHA, A. Etnografia, Saberes e práticas. In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008 p. 9 a 24. Série Graduação.
- ECKERT, C. E ROCHA, A. Etnografia da duração nas cidades em suas consolidações temporais. *Revista de Ciências Sociais*. Nº 34. 2011 107-126. Disponível em: [periodicos.ufpb.br](http://periodicos.ufpb.br)
- ECKERT, C. E ROCHA, A. *A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas*. Porto Alegre: ABA Publicações, 2015
- ECKERT, C. *Memória e Trabalho: Etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França)*. Porto Alegre: Editora Appris, 2012.
- ELIAS, N. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998
- ESCALANTE, J.; FERREIRO. J. *Inca de Oro*. Historias y vivencias de un Pueblo minero. Copiapó: LOM ediciones, 2001.
- GeoVirtual2. 2013. Disponível em: [www.geovirtual2.cl](http://www.geovirtual2.cl)
- HALBWACHS, M. *Memoria colectiva y memoria histórica*. Zaragoza: Ed. Prensa, Universitarias de Zaragoza, España, 2011.

LAGOS, E.; BLANCO, H.; TORRES, V.; BUSTOS, B. *Minería, Minerales y Desarrollo Sustentable en Chile*. [Sem data de publicação].

ORTIZ, R. *Um outro território. Ensaio sobre a mundialização*. São Paulo: Ed. Olho d'água, 1996.

PIZARRO, G. Elías Jacobs Jalaf. *El periodista minero de Inca de Oro y Copiapó*. Copiapó, LOM, 2009.

ROMERO, I. Pirquineros del Oro de la Sierra Jesús María. *Una mirada etnográfica. Memoria para optar al título de Antropólogo Social*. Santiago, Universidad de Chile, 2011.

SALAZAR, D. "Arqueología de la Minería: Propuesta de un Marco Teórico". *Revista de Antropología* N°17. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Chile. 2003-2004.

SALAZAR, D. e VILCHES, F. La arqueología de la minería en el centro-sur Andino: Balance y perspectivas. *Estudios Atacameños* N° 48. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S07181043201400020003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S07181043201400020003&script=sci_arttext). Consulta em 2014.

TREUTLER, P. *Andanzas de un alemán en Chile 1851-1863*. Santiago de Chile: Editorial del Pacífico, S. A, 1958.

VELHO, G. Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: Velho, Gilberto. *Um antropólogo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar. 2013, p. 87 a 109.

VIDAL, D. América Latina y la Antropología de la ciudad. Entrevista con Michel Agier, en *Anuario Americanista Europeo*. N° 1. 2003. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3165967>. Consulta em 2014.